

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

REBECA LIMA FERREIRA MELO

**O SONHO AMERICANO E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA
EM *DEATH OF A SALESMAN***

RIO DE JANEIRO

2022

**O SONHO AMERICANO E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA
EM *DEATH OF A SALESMAN***

REBECA LIMA FERREIRA MELO

Trabalho de Conclusão de Curso submetida à
Faculdade de Letras da Universidade Federal
do Rio de Janeiro como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Letras na
habilitação Português-Inglês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Michela Rosa Di Candia

RIO DE JANEIRO

2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus por todo amor, graça, misericórdia, paciência, parceria e apoio durante toda a minha jornada de estudos até adentrar na universidade. Obrigado por me possibilitar a visão de tantas coisas além da minha vivência cotidiana e que me trouxeram mais conhecimento e paixão ao desenvolver esse trabalho. Por fim, obrigada por todo desenvolvimento acadêmico e, principalmente, humano e espiritual durante essa próspera jornada universitária.

À minha família, meu pai, minha mãe e meu irmão, que sempre acreditaram em mim e na minha capacidade e me deram todo o tipo de apoio enquanto cursei a faculdade nesses cinco anos.

A Universidade Federal do Rio de Janeiro por todas as oportunidades de ensino, diversão e, acima de tudo, empatia com o próximo. Pude me conectar com as mais diversas atividades ao redor da faculdade, o que me permitiu uma conexão significativa com os mais diversos grupos sociais. Pude participar de atividades extracurriculares, como trabalhar no hospital, contando histórias para as crianças do IPPMG, aulas de dança e de teatro, que me possibilitaram momentos de emoção, alegria, empatia, solidariedade e de conexão comigo e com o outro.

A Faculdade de Letras e, especialmente, ao Departamento de Anglo-Germânicas. Obrigada aos seus coordenadores e docentes, que me proveram aulas, não somente nas áreas de linguagem ou literatura, como também de filosofia, sociologia, história, dentre outros. Obrigada por sempre me ajudarem a vivenciar histórias e obras das mais variadas artes de uma maneira arrebatadora e expandir minha visão, continuamente, da multiplicidade do mundo, de quem eu sou e da minha relação com as pessoas ao meu redor.

À minha orientadora, Michela Rosa di Candia por sempre ter sido um apoio tanto acadêmico quanto pessoal imprescindível. Obrigada por fazer parte desse trabalho e de todo o processo dele. Obrigada por acreditar em mim em momentos que eu não colocava fé em mim mesma, pela sua grandiosa empatia, por todas as correções que me moldaram a ser uma melhor aluna, por toda a sua paciência em me escutar, me acalmar e entender e por todas as conversas descontraídas que tivemos além das nossas obrigações acadêmicas. Obrigada por todas as oportunidades, como a SIAC, a monitoria e, principalmente a monografia, que você me proporcionou e me indicou. E acima de tudo, obrigada por ser uma profissional e uma pessoa

tão humana e esplêndida! Você é uma ser humano que, definitivamente, eu vou ter como inspiração para qualquer lugar que eu colocar meu esforço e trabalho.

As amizades formadas nesses cinco anos acadêmicos. Eu me sinto abençoada de conhecer tantas pessoas de diferentes polos da universidade, especialmente na Faculdade de Letras. Pessoas tão humanas e solidárias que sempre estenderam as mãos em situações difíceis pessoalmente e academicamente. Eu creio que o meu encontro com cada uma dessas pessoas (e eles, através dessas palavras, sabem exatamente quem são) foi destinado por Deus e sou grata por todos os encontros, conversas, piadas, estudos, apoios recíprocos e conexões que vão além dessa aventura terrena.

Epígrafe

“Vendo o mundo além das aparências, vemos opressores e oprimidos em todas as sociedades, etnias, gêneros, classes e castas, vemos o mundo injusto e cruel. Temos a obrigação de inventar outro mundo porque sabemos que outro mundo é possível. Mas cabe a nós construí-lo com nossas mãos entrando em cena, no palco e na vida.” (Augusto Boal)

RESUMO

O SONHO AMERICANO E SUAS IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA EM *DEATH OF A SALESMAN*

Rebeca Lima Ferreira Melo

Orientadora: Professora Doutora Michela Rosa di Candia

Death of a Salesman (1949) de Arthur Miller narra a trágica história do sonhador, Willy Loman, um caixeiro viajante pobre, que perpetua uma identidade essencialista para alcançar a fórmula para o sucesso na sociedade estadunidense. O protagonista e outros personagens analisados neste trabalho são influenciados ou afetados pela ideologia fantasiosa do *Sonho Americano*, que sugere uma busca incansável de prestígio social e econômico por meio do "trabalho duro". Em apenas um dia, Willy se envolve em uma jornada deformada de ilusões, ganâncias e mentiras ao acreditar no sonho utópico divulgado pelo centro de poder. O objetivo deste trabalho é demonstrar por meio do *close reading* de que modo a ideologia do *Sonho Americano* contribui para a construção identitária dos personagens Willy Loman, Linda Loman, Charley e a Mulher. Partimos do princípio de que as identidades são fluidas, contraditórias, fragmentadas, instáveis e inconsistentes (SILVA, 2014:96) e formadas na relação com aquilo considerado distinto. A classificação essencialista e hierárquica determina dicotomias, como a masculina/feminina, que ratificam a hegemonia política, cultural, social e econômica de um determinado grupo. Logo, a representação essencialista do *American Dream* perdura preconceitos como o sexismo e a hipocrisia moral, além de evidenciar a restrição da fluidez identitária, contribuindo para a tensão das relações humanas.

Palavras-chave: identidade; *Sonho Americano*; teatro americano

ABSTRACT

THE AMERICAN DREAM AND ITS IMPLICATIONS ON IDENTITY FORMATION IN *DEATH OF A SALESMAN*

Rebeca Lima Ferreira Melo

Orientadora: Professora Doutora Michela Rosa di Candia

Arthur Miller's *Death of a Salesman* (1949) tells the tragic story of the dreamer and poor traveling salesman, Willy Loman, who perpetuates an essentialist identity in order to achieve the formula for success in American society. The protagonist and other characters analyzed in this paper are influenced or affected by the illusory ideology of the *American Dream*, which suggests a relentless pursuit of social and economic prestige through "hard work". In just one day, Willy becomes involved in a warped journey of illusions, greed, and lies by believing in the utopian dream disseminated by the center of power. The aim of this paper is to demonstrate through close reading how the ideology of the *American Dream* contributes to the identity construction of the characters Willy Loman, Linda Loman, Charley, and the Woman. We assume that identities are fluid, contradictory, fragmented, unstable, and inconsistent (SILVA, 2014:96) and formed in relation to that which is considered distinct. The essentialist and hierarchical classification determines dichotomies, such as masculine/feminine, which ratify the political, cultural, social, and economic hegemony of a particular group. Therefore, the essentialist representation of the *American Dream* perpetuates prejudices such as sexism and moral hypocrisy, besides evidencing the restriction of identity fluidity, contributing to the tension of human relations.

Keywords: identity; *American Dream*; American theater

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. CONSTRUINDO IDENTIDADES	12
2.1. WILLY X LINDA	15
2.2. WILLY X A MULHER	20
2.3. WILLY X CHARLEY	23
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
4. REFERÊNCIAS	30

1. INTRODUÇÃO

Death of a Salesman (1949) ou *A Morte do Caixeiro Viajante*, no português brasileiro, detentora de múltiplos prêmios consagrados, sendo um prêmio Pulitzer e três prêmios Tony, é uma peça escrita pelo dramaturgo estadunidense Arthur Miller. A obra dramaturgicamente é um marco no teatro americano por desafiar o *American Dream*, que consiste em uma busca incansável para se obter prestígio social e econômico por meio do trabalho. Ao desafiar essa ideologia, Miller critica a fórmula do *Self-Made Man*, que exalta a competição, assertividade, dureza e agressividade por meio do trabalho árduo. Araújo (2014, p. 9) lembra que o dramaturgo ao discutir as relações dos indivíduos em conflito com o seu meio social expõe particularmente a tragédia e o fracasso de um sonhador americano em uma terra de ethos tão otimista.

Death of a Salesman narra os danos das promessas famigeradas do *Sonho Americano*, por meio da história do sonhador iludido, Willy Loman. Em um período de 24 horas, a peça expõe os danos ególatras e letais de um vendedor, chefe de família, esposo e pai de dois filhos que se envolve em uma jornada deformada de ilusões para atingir seus objetivos fantasiosos, como sua fixação por ser querido no meio em que vive e trabalha. Como uma das consequências por essa busca incansável pelo sucesso, Willy trai sua esposa, Linda Loman, uma mulher submissa a sua família e, principalmente, aos desejos do seu marido. O sonhador americano sustentado por uma identidade essencialista utópica não é capaz de vislumbrar ou aceitar as distinções proporcionadas pelas relações instituídas com sua esposa, seus filhos e até mesmo seu vizinho Charley, que desperta o lado competitivo de Willy. Em decorrência de sua ambição, o protagonista se suicida.

A peça se passa na metade do século XX, que foi um catalisador da propagação do utópico *Sonho Americano*, primeiramente, na década de 20, devido à vitória na Primeira Guerra Mundial, no qual o país estava em seu auge de riqueza e consumismo. No entanto, a década de 30 poderia ser o fim da esperança e confiança do cidadão americano, devido ao maior colapso econômico, conhecido como a Grande Depressão. Mesmo com a crise de 1929, o mito americano se fortaleceu grandemente, pois *fé no futuro não era uma questão de escolha* (BIGSBY, 1997, p. 9). Desse modo, a superação obrigatória a ser alcançada pelos cidadãos, era o único caminho para o sucesso. Esse otimismo estadunidense contribuiu para os feitos positivos resultados durante a Segunda

Guerra Mundial e sua posterioridade, na década de 40. Americanos se mobilizaram, tanto homens quanto mulheres, a trabalharem nas fábricas para a produção de mantimentos e equipamentos que auxiliassem no conflito. Além disso, o governo americano incentivou a população a economizarem seu dinheiro, na expectativa de uma qualidade de vida e futuro melhor (PRUITT, 2020). Após o fim da guerra, os Estados Unidos se tornavam uma potência econômica, militar, cultural, política e tecnológica. Como consequência, o país norte-americano promoveu o aumento da população e da classe média estadunidense, oportunizando mais empregos, melhoras na educação e nos serviços. Por fim, o consumismo se tornava crescente na população, que adquiria, fervorosamente, casas, automóveis, eletrodomésticos, dentre outros. Dessa maneira, o *American Way of Life* surge como resposta aos anseios otimistas do sonho.

O novo estilo de vida americano estava apoiado em uma identidade “natural”, fixa e única, que excluía tudo aquilo que era considerado diferente das representações determinadas e definidas pelos centros de poder dominantes. O homem rico, branco, de classe média-alta era o parâmetro ideal designado pelo sonho. Com isso, as conexões das relações sociais, políticas e econômicas e as representações simbólicas do cotidiano ficavam atreladas a práticas de subordinação e dominação desse grupo. De acordo com Kathryn Woodward (2014, p. 14) toda diferença é proporcionalmente invisível a exaltação da identidade desejável. Com isso, certas diferenças em categorias como classes de gênero, como o feminino, de raça, como negros, social, como a trabalhista, e etária, como idosos, foram hierarquizadas. Consequentemente, esses grupos múltiplos e inferiorizados eram constantemente prejudicados e reprimidos.

Entretanto, certos grupos minoritários começaram a lutar pela reivindicação dos direitos de vida prometidos pelo *Sonho Americano*. Dentre eles, as comunidades de artes dramáticas mostraram resistência diante das manobras conservadoras de grupos sociais majoritariamente no poder. No teatro americano do século XX, autores como Arthur Miller, Tennessee Williams, Lorraine Hansberry, dentre outros, utilizaram da sua arte da escrita para denunciar e escancarar os defeitos de uma sociedade que era vendida como perfeita através de um sonho universal ganancioso e de regras opressoras (IZALBERTI, 2020, p. 7). Diante disso, esses dramaturgos optaram em suas peças, pela utilização de personagens, em sua maioria, da ampla classe-baixa de famílias e trabalhadores, que em sua maioria, mesmo com o trabalho duro, nunca concretizaram o sonho.

Nascido em 1915, no distrito de Manhattan em Nova York, Arthur Miller vivenciou as dificuldades em terras estadunidenses diante dos efeitos da crise econômica de 1929 ao se mudar para uma casa menor no bairro do Brooklyn. Mesmo diante das pressões e opressões governamentais da época, Miller mostrou um outro reflexo da “fantástica” América que tinha sido escondido de seus cidadãos. De acordo com Sábato Magaldi, os elementos dos personagens criados por Miller “falam como pessoas comuns, sem qualquer artifício ou complexidade, e, por isso, falam muito perto ao espectador.” (1976). Dessa forma, sem censura, suas peças abordavam elementos tão comuns e correntes, que conseguiam expor primorosamente as divergências da fragilidade humana em contraste com questões políticas, morais e sociais americanas. O autor, que escrevia com os ouvidos, escutava a realidade de diferentes raças, culturas e hábitos dos moradores mais pobres e esquecidos de Nova York, que foram afetados pela crise de 1929, incluindo a si mesmo e sua família desiludida (MAGALDI, 1976). Miller tinha convicção de que através da exteriorização teatral, desbravaria os mistérios da sua vida. Como nos lembra a dramaturga Renee Calarco, o teatro tinha o poder de fazer com que as pessoas elevassem a consciência das suas próprias capacidades humanas (2019, tradução nossa). Diante do contexto exposto, Miller é considerado um dos maiores dramaturgos americanos, por escrever “epopéias terrenas” de pessoas comuns, consideradas insignificantes em uma sociedade capitalista, vendidas pela ideia próspera do *Sonho Americano*.

Baseado em sua própria história familiar, Miller apresentava uma analogia de que todos aqueles que acreditam no *American Dream* são caixeiros viajantes (CALARCO, 2019). Miller imaginava o impacto que a peça traria para os espectadores, que viviam em um clima de prosperidade do pós-guerra, ao apresentar o drama trágico de um homem simples e considerado insignificante como um caixeiro-viajante (Magaldi, 1976). No entanto, assim como Willy Loman, protagonista de *Death of a Salesman* (1949), americanos e estrangeiros vendem suas identidades para serem queridos e conquistarem uma vida consumista e social perfeita, como àquelas divulgadas por mídias e órgãos governamentais. As pessoas se transformam em competidores apáticos e gananciosos em um jogo infinito e sem vencedor. Assim sendo, segundo Calarco (2019) os personagens de Miller refletem pessoas dispostas a darem suas vidas para assegurar suas dignidades. Encarar a realidade e suas falhas representa uma ameaça à identidade homogênea que é esperada.

Diante do panorama apresentado, o objetivo deste trabalho é investigar por meio do *close reading* (SYBA, 2008) de que modo a ideologia do *Sonho Americano* contribui para a construção identitária dos personagens Willy Loman, Linda Loman, Charley e a Mulher. Partimos do princípio de que as identidades são fluidas, contraditórias, fragmentadas, instáveis e inconsistentes (SILVA, 2014:96) e formadas na relação com aquilo considerado distinto. A classificação essencialista e hierárquica determina dicotomias, como a masculina/feminina, ratificando hegemonia política, cultural, social e econômica de um determinado grupo. Logo, a representação fixa do *American Dream* em *A Morte do Caixeiro Viajante* reforça preconceitos como o sexismo e a hipocrisia moral, além de evidenciar a restrição da fluidez identitária, contribuindo para a tensão das relações humanas. Na introdução, apresento um panorama sobre a peça, um breve contexto histórico e social sobre a sociedade estadunidense no século XX e sobre o destaque de Arthur Miller, nas artes dramáticas, ao abordar suas motivações e críticas sobre o *Sonho Americano*. No primeiro capítulo, intitulado “Construindo Identidades”, discutimos como as interações sociais entre os personagens são estruturadas a partir da ideia do *Sonho Americano*. O capítulo está dividido em três subseções: a primeira apresenta a relação entre Willy e Linda, na segunda, o leitor é apresentado a Mulher e na terceira, as interações entre Charley e Willy no processo de formação identitária. Por fim, nas considerações finais, retomo os principais pontos mencionados ao longo do trabalho.

2. CONSTRUINDO IDENTIDADES

Segundo Woodward (2014, p. 19) identidade é definida comumente como uma referência ou norma essencialista que descreve quem alguém é. Toda identidade origina uma diferença inseparável, que normalmente carrega um teor negativo e, por isso, é excluída das representações simbólicas homogêneas. Em vista disso, a identidade e a diferença geram relações binárias hierárquicas que são utilizadas como objetos de disputas de poder entre grupos, que se interseccionam com práticas de subordinação e dominação. Portanto, identidades dominantes conseguem manter o controle ao classificar os “outros” como instáveis.

No contexto da formação identitária, a ideologia do *American Dream* ganha destaque, pois segundo Silva (2014, p. 85) a construção de uma identidade nacional se utiliza de representações simbólicas, verdadeiras ou falsas, para fixar os ideais de um grupo, atraindo pessoas ao seu domínio. Enraizada em terras estadunidenses desde da época colonial, a ideologia sugere o alcance do sucesso sócio-econômico por meio do esforço individual. A ideia atrativa do *Sonho Americano* insinua que qualquer pessoa, independente da sua cor, religião, nacionalidade, gênero ou origem, poderia obter fortuna e prestígio social, meritocraticamente, através do trabalho duro e da obediência aos valores morais da pátria americana. Logo, imigrantes oriundos de países, geralmente europeus, com caóticas situações políticas, sociais e econômicas eram seduzidos por esse ideal de estabilidade financeira. Portanto, a ideia de inclusão à nação estadunidense sugeria que qualquer pessoa poderia ser, desenvolver e realizar habilidades e propósitos livremente. As palavras do francês Hector St. Jean de Crèvecoeur (americanizado como John Hector St. John) revelam a questão da homogeneização identitária. Segundo o autor:

Ele é um americano, que deixa para trás todos os seus antigos preconceitos e modos e recebe novos do novo modo de vida que abraçou. Ele obedece ao novo governo e a nova patente que detém. Ele se torna um americano ao ser recebido no amplo colo do nosso grande Alma Mater. Aqui indivíduos de todas as nações são fundidos numa nova raça de homens, cujo trabalho e posteridade irão um dia causar grandes mudanças no mundo. (Crèvecoeur, 1782, tradução nossa)

Ao internalizar os princípios locais e “apagar” as crenças da origem estrangeira, imigrantes teriam maior inserção naquela nação e, principalmente, a oportunidade de vivenciar fantasias de sucesso. O apagamento da pluralidade de outras nacionalidades reforçava a “inferioridade” das diferenças, exaltando o “esplendor” oferecido pela identidade estadunidense. Diante disso, a ideia de homogeneização promoveria um conjunto de normas únicas e estáticas, que traria sustentação para desenvolvimento do país e evitaria possíveis instabilidades que estimulariam “inseguranças” para a população (HALL, 1992, p. 16).

Essas periculosidades são, na verdade, prejudiciais para aqueles que não desejam perder os benefícios desse controle identitário, disfarçado de sonho, visto que essas polarizações entre o centro e o estrangeiro refletem disputas de poder entre esses

grupos. Na prática, o *American Dream* não se alinha como a sua descrição. A meritocracia propagada esconde um sistema cumulativo sem fim, que adere e impõe um conjunto de regras capitalistas e desiguais, que beneficia o acúmulo de riquezas para os que detém mais poder. Através desse falso e defeituoso ideal de uma sociedade perfeita, uma identidade essencialista é compelida aos seus cidadãos. Essa farsa era impulsionada pela repetição apelativa de marcas simbólicas, traduzidos por meio de mitos fundadores patriotas, como os hinos, bandeiras, vitórias em revoluções civis e, principalmente, guerras para se conectarem a algo em comum. De acordo com Maria Cristina Leandro Ferreira (2011, p. 61), em *A Morte de um Caixeiro-Viajante* de Miller, essas representações simbólicas ecoam um “lugar da memória que, ao conservar e reproduzir artefatos simbólicos e materiais de geração em geração, torna-se a depositária de toda essa massa de informação social”.

Nesse contexto, a identidade do *Sonho Americano* se construía através da imagem heróica do *Self-Made Man*. Esse ideal promovia a identidade do homem competitivo assíduo, que almejava o sucesso material e social como forma de provar seu “valor” na sociedade. No modelo originado durante a Revolução Industrial, o homem deveria se esforçar para progredir no espaço público, adquirindo status econômico e social, por meio de sua força, virilidade, individualismo, controle, frieza e até mesmo violência. No começo do século XX, nos anos 20 e, especialmente, após a crise de 1929, o crescimento do mercado de trabalho e sua instabilidade acirravam a competitividade e a busca por mais clientes e vendas. Assim sendo, tanto o sucesso quanto o fracasso poderiam caracterizar a constituição identitária do *Self-Made Man*. As identidades masculinas não estavam apenas conectadas às histórias de sucesso, mas também às histórias de ansiedade, medo, solidão e frustrações. A base capitalista e materialista do sonho seduzia as pessoas que atrelavam suas identidades a desejos cumulativos e inconclusivos.

Os significados impostos pelo *American Dream* vinculados ao ideal do *Self-Made Man* convidaram cidadãos estadunidenses ao exercício da hipocrisia moral, preconceito e sexismo, restringindo assim a fluidez identitária. Ao não conquistarem o sucesso material, muitos homens não alcançaram o ideal de masculinidade americana também. As classificações ditas universais como nos lembra Kamalakkannan e Manason (2017, p. 2) geram estereótipos restritivos, reduzindo identidades a comportamentos obrigatórios para trazer ordem social. É importante resgatar que

segundo Hall, uma identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (2006, p. 13).

Em *A Morte do Caixeiro Viajante*, as representações simbólicas coletivas essencialistas no país americano são conflitantes para as relações sociais e para o próprio indivíduo, visto que identidades são fluidas, contraditórias, fragmentadas, instáveis e inconsistentes (SILVA, 2014, p. 96).

2.1. WILLY X LINDA

Na peça sob análise, tanto Willy quanto Linda perpetuam identidades homogêneas: Willy é o provedor da família ao ocupar a esfera dos negócios ao passo que Linda é uma mulher submissa que sustenta os estereótipos femininos ao habitar a esfera doméstica. Esposa abnegada, devota ao marido e à família, Linda acredita que seu propósito de vida (o único que ela conhece) é cuidar da casa e trazer estabilidade a Willy. Através dos seus “serviços” secundários (passar roupas, cozinhar, limpar etc.) ou primários (promover o egocentrismo do marido), Linda é apenas vista como uma empregada e propriedade de Willy, designada a viver de acordo com seus caprichos e desejos. As palavras do dramaturgo sobre a personagem Linda nos ajudam a entender quem ela é:

(...) É uma mulher naturalmente alegre, que reprime com vontade de ferro, suas restrições ao comportamento de Willy. Ela o ama muito e, mais do que isso, ela o admira, como se a natureza agitada de Willy, seu temperamento, seus sonhos grandiosos e suas pequenas misérias compusessem o painel das lembranças profundas das ânsias turbulentas que existem dentro dele, as quais ela compartilha, mas sem vivê-las em toda sua extensão. (MILLER, 1976, p.10)

Linda é criada a acreditar que deve sempre estar com um bom humor "natural" para dar apoio ao seu marido e nunca demonstrar tristeza ou ingratidão pela vida que ele oferece. Contudo, a descrição de Miller sobre a esposa de Willy revela a realidade de um possível “casamento perfeito”. Não existe reciprocidade entre o casal. Linda escolhe suprimir suas insatisfações sobre seu marido, não podendo e não se atrevendo a expressar sua opinião. Ademais, por ser cúmplice inativa de Willy, ela vivencia os anseios, vontades e consequências das escolhas do seu marido, mas não pode interferir,

pois só Willy tem o poder para determinar o destino da sua família. Desse modo, ela é apenas uma espectadora da fatalidade do marido. Creio que isso acontece, porque a sociedade reduz a mulher a um ser emocional, que não tem capacidade de pensamento. De acordo com Tomaz Tadeu da Silva (2014, p. 83), sempre existirá em oposições binárias um fator privilegiado positivo enquanto o outro é negativo. Ou seja, se o masculino representa o normal, o feminino representa o anormal. Desse modo, para controlar essa diferença, Kathryn Woodward (2014, p. 10) explica que *os homens tendem a construir posições-de-sujeito para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência*. Em decorrência disso, Linda se torna o suporte emocional para que Willy se sinta confiante diante da sua cansativa jornada pelo sucesso.

Linda: Willy, meu querido, você é o homem mais atraente do mundo (...) Para mim você é. (Pequena Pausa) O mais atraente. (...) E os meninos, Willy. Poucos homens são tão queridos pelos filhos como você. (MILLER, 1976, p. 47-48)

Os elogios no contexto contribuem para que a personagem masculina reforce sua autoconfiança e acredite em seu potencial como homem, bom marido, e pai de família. Em minha leitura, essa visão passiva de Linda reforça sua construção superficial. Uma das maiores atrizes e fundadoras do teatro estadunidense, Stella Adler, lamentou a falta de profundidade de Linda, pois crê que ela tinha muito mais complexidade do que somente o que é mostrado na peça (WILLIAMS, 2015). No entanto, creio que a elaboração dessa perspectiva passiva e rasa possa ter sido criada propositalmente para denunciar o quanto a invisibilidade da mulher é naturalizada. De acordo com Forbes, as personagens femininas de Miller, como Linda, possuem mais oportunidades para expressarem seus pensamentos (2015, apud, PURCELL, 2016). Linda é uma personagem sagaz que conhece os limites de seu esposo e sabe que a ambição desmesurada de Willy não traz benefícios. Seu amplo olhar da realidade em que estão inseridos é perceptível na citação a seguir:

Linda [com medo de Ben e zangada com ele]: Não encha a cabeça dele! Bem para ser feliz aqui mesmo. [A Willy enquanto Ben ri] Por que todos têm de conquistar o mundo? Você é estimado, os meninos o adoram (...) (MILLER, 1976, p.120)

Linda tenta mostrar para Willy que a sua realidade supre a sua ideia de sucesso familiar, o fazendo reconhecer o amor de sua família por trás das quimeras dele. Todavia, ela compreende que a identidade do homem competidor, ganancioso e egocêntrico do *Self Made-Man*, incorporada por Willy, tem deteriorado sua saúde. Desse modo, as palavras de Linda são comprimidas e podadas de uma maneira desesperadora. Linda parece inerte diante da dura realidade de sua família. Ela observa a tragédia que se instaura pouco a pouco em sua família, mas é incapaz de agir de uma forma restauradora.

LINDA: No mês passado... (Com grande dificuldade) Oh, meus filhos, é tão difícil para mim dizer isso! Pra vocês ele não passa de um velho estúpido, mas eu digo que ele é melhor que muitos outros (Solução e limpa os olhos.) Eu estava procurando um fusível. A luz da casa tinha se apagado e eu descí até o porão. E atrás da caixa de fusíveis, tinha caído o pedacinho de um tubo de borracha (...) Tem uma conexão na ponta. Percebi na hora. E é lógico que na base do aquecedor, havia uma nova torneirinha no tubo de gás (...)

Biff: E você tirou o tubo?

Tenho vergonha... Como é que eu vou falar nisso com ele? Todo dia eu desço e tiro o tubinho de borracha. Mas, quando ele chega em casa, eu ponho de novo no lugar. Como é que eu posso insultá-lo desse jeito? Eu não sei o que fazer. Vivo em pânico. Sei que pode parecer fora moda, uma frase feita, mas ele dedicou sua vida inteira a você e vocês agora lhe dão as costas. (Inclina-se na cadeira, chorando, o rosto entre as mãos.) Biff, juro por Deus! A vida dele está nas suas mãos! (MILLER, 1976, p. 81-82)

Linda é perspicaz ao ser a única personagem a notar os sinais suicidas de Willy, fazendo a ligação entre o tubo de gás e de borracha com o aquecedor. Apesar disso, ela se silencia apesar de perceber os sinais dados por seu marido para não o desautorizar. Por conhecer seu marido integralmente, Linda é capaz de entendê-lo. O sofrimento de Willy é também o sofrimento calado de sua esposa que se silencia. Mesmo que ela quisesse agir, seus pensamentos e ações não seriam legitimados por seu marido. Miller, então, consegue denunciar a posição inata feminina, que apesar da capacidade complexa e profunda que elas possuem de mudar a história, se tornam cúmplices ou espectadoras de um espetáculo de desastre e egoísmo advindo de seus respectivos parceiros. Desse modo, ela precisa que seu conhecimento sobre os malefícios da ambição de Willy sejam divulgados através de seus filhos. Biff é o escolhido como salvador, por ser o filho que

Willy desejava que alcançasse prosperidade para espelhar o seu suposto êxito como pai. Com isso, Linda manteria a sua estabilidade social e familiar e evitaria a insegurança que a sociedade patriarcal designa para a mulher quando ela se opõe ao “comum”.

Como esposa, Linda aceita tudo o que o marido fala, inclusive, as formas agressivas que ele a trata. Para retratar essa posição infeliz de Willy, Armengol (2004, p. 11, apud, BEN-ZVI, 1989) assimila as atitudes de Sr. Loman à ideia mitológica do ideal masculino, advindo do *Frontier Myth*¹ (O Mito da Fronteira ou do Ocidente, em português brasileiro). Nessa alegoria, o mundo teria sido feito para o homem e cabe a ele ser o herói aventureiro a explorar a Terra, que representa a mulher. Essa se torna a “vilã” e uma reação contrária ao que o homem deseja, se tornando um impedimento e uma tentação que esse deve dominar. Segundo essa visão machista, Linda seria o bloqueio que impede Willy de viver completamente seus propósitos. Em vista disso, ela é constantemente excluída e desprezada dos planos de Willy. Por ser uma fraqueza para as conquistas do marido, ela “não teria intelecto” para elaborar e colaborar em planos de sucesso, como o excerto abaixo demonstra:

Linda [procurando trazê-lo à realidade]: Willy, querido, eu comprei um novo tipo de queijo, sabe? Queijo batido.

Willy: Suíço?

Linda: Não, Americano.

Willy: Por que você compra queijo americano, quando sabe que eu só gosto de queijo suíço?

Linda: Eu pensei que você gostasse de variar...

Willy: Não quero variar nada! Quero queijo suíço! Por que você vive me contrariando?

Linda [num sorriso meio falso]: Queria fazer-lhe uma surpresa.

Willy: Por que é que você não abre a janela? Pelo amor de Deus! (MILLER, 1976, p. 17)

O diálogo apresentado acima revela em uma situação cotidiana a falha na construção desse sistema identitário sexista. Linda é mais moderada e racional do que Willy na tentativa de criar um ambiente de pacificidade e confiança para o esposo nesse

¹ O ideal de identidade masculina teria sido moldado através do mito da cultura americana, the myth of the frontier, originada pelo American Frontier, movimento de expansão e estabelecimento dos colonos europeus em direção ao oeste, tanto na Costa Atlântica no século XVII quanto no Extremo Oeste no século XIX (Britannica, The Editors of Encyclopaedia, 2020). Diante desse panorama, Ben-Zi afirma que muitos dramaturgos convocavam o uso dos mitos das fronteiras para subsumir, alterar e embelezar fatos históricos (2004:10-11, apud, BEN-ZVI, 1989)

momento de desconforto, apesar de ficar submissa ao aceitar a repreensão hostil de Willy. Todavia, ao ousar comprar um tipo de queijo diferente, Linda apresenta uma atitude transgressora, ao agir de forma inesperada e arriscar em algo diferente para surpreender seu marido. Já Willy é imaturo e impulsivo, negando qualquer tipo de bem-estar com sua esposa. Ele discute e impõe de forma autoritária sua vontade para manter sua superioridade masculina. Contudo, quando Willy fala: “Por que é que você não abre a janela? Pelo amor de Deus!”, é evidente a hipocrisia da construção identitária essencialista masculina, que não considera a diferença feminina, demonstrando a incoerência do homem e marido racional que a sociedade cobiça. As janelas simbolizam a visão e ao pedir que Linda abra as janelas, ele se autocontradiz, visto que ele próprio não consegue abrir os seus olhos para a sua própria realidade.

De acordo com Hall (2014, p. 110, apud, LACLAU, 1990, p. 33), a identidade social “padrão” - a masculina - é um ato de poder, que consegue se afirmar ao reprimir, excluir e hierarquizar a diferença - feminina - que ameaça. Como consequência, Linda, lamentavelmente, é educada a acreditar que sua inferiorização perante Willy é normal. Portanto, caso seja repreendida, a culpa é automaticamente dela e não de Willy, pois o homem é visto como aquele que está sempre certo.

Com isso, sua identidade é reduzida às mãos masculinas que a transformam em um corpo inativo e de assistência. Judith Butler (1993, p. 1 [153-154], apud, HALL, 2014, p. 127) argumenta que a categoria de sexo é normativa, sendo uma prática que regula os corpos produzindo um poder regulatório que marca, circula e diferencia. Linda não é capaz de ter domínio da sua vida, reconhecer a sua inteligência ou conseguir se abrir verdadeiramente com os outros, pois deve abdicar da sua autonomia para ser o que os outros esperam dela. Butler ainda discute que o imperativo heterossexual possibilita certas identificações sexuadas e impede ou nega outras identificações (1993, p. 5 [155], apud, HALL, 2014, p. 128). Dessa forma, Linda não pode ser assertiva e Willy não pode ser vulnerável, pois não seria o esperado das identidades essencialistas produzidas.

No entanto, situações complexas como essa revelam a contradição da identidade de Linda. De acordo com Woodward (2014, p. 32), a vida moderna exige que as identidades sexuais mudem constantemente com ambiguidades e fragmentações que entram em conflito com a identidade complexa do momento e as exigências sociais. Apesar da inércia, Linda consegue ser racional e lógica para entender as opções

possíveis para tentar salvar a vida de seu marido, como requerer ajuda para seu filho mais velho.

2.2. WILLY X A MULHER

Em oposição a caracterização fixa de Linda, a peça apresenta a personagem intitulada Mulher, secretária de uma empresa frequentada por Willy. Ela exerce um papel importante ao se tornar amante de Willy e ser responsável pelas fantasias criadas pelo caixeiro. No entanto, essa personagem possui seu nome e origem desconhecidos. Representando o suprimento sexual, afetuoso e ególatra para Willy, ela era usada para a obtenção de conquistas através dos contatos que ela oferecia para ele com outros compradores (MILLER, 1976, p. 48). Apesar disso, a participação da Mulher é análoga a três questões: a traição de Willy a sua esposa e família, a solidão do caixeiro ao perseguir a identidade propagada pelo ideal do *Sonho Americano* e a ênfase do apagamento feminino na sociedade patriarcal, como o exemplo abaixo revela:

WILLY (*com grande sentimento*): (...) Por que eu me sinto tão sozinho - especialmente quando os negócios vão mal e eu não tenho ninguém para conversar (...) Há tantas coisas que eu queria conseguir...

A MULHER: A mim? Mas você não me conseguiu, Willy. Eu é que peguei você.

WILLY (*satisfeito*): Ah, você me pegou?

A MULHER (*que tem a idade de Willy e é bastante bonita*): eu mesma. Eu ficava sentada naquela mesa vendo todo dia os vendedores entrando e saindo. Mas você tem um senso de humor! E a gente se dá muito bem, não é?

WILLY: Claro, claro...Por que é que você já vai? (MILLER, 1976, p.47-48)

A Mulher, no exemplo acima, apresenta uma lembrança deformada de sua admiração por Willy. Para ele, a adoração é uma característica fundamental nas relações entre sujeitos e, especialmente, na relação de um casal. Quando suas viagens de negócios não davam certo, a Mulher, então, era quem fortalecia o seu ego para que ele pudesse continuar acreditando no *Sonho Americano* e reafirmar a identidade masculina.

Entretanto, diferentemente do que apresento neste trabalho, Forbes argumenta que as mulheres nas peças de Miller possuem mais complexidade e profundidade (FORBES, 2015, apud, PURCELL, 2016). Tanto Linda quanto A Mulher

possuem mais oportunidades de falar e de expressar mudanças que poderiam alterar os rumos da história, apesar de não realizá-las pela desvalidação do racionalismo feminino por parte da sociedade patriarcal.

Ainda que seja apenas uma secretária, A Mulher aparenta possuir muita influência na empresa que trabalha, ao tentar colocar Willy em contato com pessoas notórias na empresa que trabalha.

Willy: Bom, a gente se vê na próxima vez que eu vier a Boston.

A Mulher: Eu ponho você em contato com os compradores.

Willy (dando um tapinha nas nádegas dela): Saúde

A Mulher: Você me mata Willy! (Ele de repente a agarra e beija com paixão.) Você me mata. E obrigada pelas meias. Gosto muito de meias. Boa noite. (MILLER, 1976, p. 49)

Seu poder é tanto que Willy não entrega as meias novas para Linda. Ele escolhe oferecer as meias para a Mulher. Para o caixeiro viajante, ela representa o caminho para o sucesso econômico, como também o endeusamento advindo de uma pessoa que não seja da sua família, principalmente, sendo uma mulher, que é sempre vista como uma conquista para homens como Willy. Apesar do fracasso financeiro de seu amásio, a atração por Willy é gerada por ele ser um representante da classe trabalhadora e acreditar incansavelmente nas promessas do sonho. Como, infelizmente, a estabilidade e independência financeira de uma mulher esteve sempre dependente do homem, a Mulher é comprada pela visão e a segurança sonhadora que ele promovia. Willy, então, a seduz com meias novas, o que mostra o quanto ele a trata como mais um negócio (MURPHY, 2015, p. 5).

Porém, a forma como Willy trata a Mulher no momento da revelação de sua ligação proibida, é marcada por sua agressividade. Ele se utiliza dessa característica como ferramenta para defender sua moralidade hipócrita e impedir a perda da imagem de pai perfeito e, conseqüentemente, mais uma norma cultural para obter as recompensas do *American Dream*. Diante da situação vergonhosa, Willy despreza sua amante, ao revelar que ele não sentia nada por ela: “WILLY: Ela não significa nada para mim, Biff. Eu estava sozinho, estava muito sozinho.” (MILLER, 1976, p. 175). Dessa forma, Willy revela a solidão criada pela masculinidade tóxica que não permite a sensibilidade e os medos e frustrações advindos da obsessão para ser querido. No

entanto, ele também expõe suas intenções interesseiras com a Mulher para obter prestígios na empresa na qual ela trabalha, como também exaltar sua sedução, para se encaixar nos padrões de heterossexualidade normativa. Ele potencializa sua identidade hegemônica quando está com ela. Logo, a Mulher é apenas uma escrava sexual, descartada rapidamente, que reitera e exalta a virilidade e dominância masculina.

Linda e A Mulher, na peça sob análise, representam as distinções existentes na categoria do grupo de mulheres. Ao olharmos para o excerto selecionado acima, percebemos que as diferenças demarcam as fronteiras do que é possível ser performado pelo gênero feminino. Essa dicotomia estabelecida é vital para o entendimento das questões identitárias. Entretanto, é válido lembrar que as duas mulheres, a esposa e a amante, são tratadas com desprezo. Como a amante, Linda é uma vítima do egoísmo do seu parceiro. Mesmo sabendo das condições de sua esposa, Willy nunca presenteou Linda com meias novas. Ela sempre remendou as meias velhas, como no diálogo a seguir:

Willy (saindo da área da mulher e dirigindo-se a Linda): Eu vou resolver tudo Linda, eu...(…) (vendo as meias) O que você está fazendo?

Linda: Estou remendendo minhas meias. Custam tão caro...

Willy (zangado, tirando as meias dela): Não quero ver você remendendo meias nesta casa! Joga isso fora! (Linda guarda as meias no bolso do avental) (MILLER, 1976:50)

Nesse exemplo, as meias não só representam as rupturas que ele causou em seu casamento ao trair Linda, como também a quão deteriorada é sua relação com sua esposa, ao tratá-la apenas como uma empregada. As meias, simbolicamente, representam a marca da traição que precisa ser descartada, como é assim o desejo de Willy. Entretanto, Linda precisa tê-las no bolso do avental, pois estas configuram o elo do passado de traição com o momento presente de desilusão.

Todavia, diferentemente da Mulher, Willy ainda tem remorso ao discutir sobre as meias com sua esposa. Isso porque, na sociedade patriarcal, Linda é a representação feminina ideal e “santa”, que traz a imagem moral do “bom marido”. Essa imagem “pura” da mulher ajuda o homem na implementação do seu sucesso e mandamentos. Ao trair seu cônjuge, Willy afasta o retrato do bom marido e do casamento “perfeito”, exigências morais advindas da sociedade conservadora americana. Em contrapartida, por ser a amante, a Mulher é a alegoria sexual e pagã, que satisfaz o lado animalesco e

erótico do homem. Assim, Gleitman (2015) explica que na peça, o senhor Loman divide as mulheres em duas categorias: as santas, como Linda, e as sexuais a serem consumidas, como Mulher. Dessa maneira, elas apenas existiriam para elevar o ideal masculino e serem descartadas, após o alcance.

2.3. WILLY X CHARLEY

Dentre os personagens masculinos criados por Miller, Charley é a representação do homem que não é influenciado pelos desejos do *Sonho Americano*. O vizinho de Willy possui um filho com um sucesso firmado na advocacia, além de uma vida mais tranquila e estabilizada financeiramente.

WILLY: Acabe com eles, Bernard! (...) (enquanto Charley tira a carteira) O Supremo Tribunal! E ele nem me falou nisso! (...) E você nunca disse o que é que ele tinha de fazer, não é? Você nunca teve maior interesse.

CHARLEY: Minha salvação é que nunca tive maior interesse em coisa nenhuma. Aqui tem algum dinheiro...cinquenta dólares. Tenho um contador me esperando.

WILLY: Escute, Charley... (com dificuldade) Eu tenho que pagar meu seguro. Se você pudesse me arranjar... eu preciso de cento e dez dólares. (Charley não responde logo; pára de andar.) Eu podia sacar do meu banco, mas Linda ia perceber e... (MILLER, 1976, p. 135)

Nesse excerto, o contraste da vida dos vizinhos é drástico: Willy segue o ideal que lhe promete sucesso, mas está falido e endividado. Charley é próspero por preferir uma vida sem muitos planos ou regras, o que trouxe estabilidade financeira e familiar para si e seu filho. Desse modo, percebe-se que o modelo de sucesso único atribuído pelo *Sonho Americano*, que Willy tanto almeja, não é garantido, único ou fixo. O fato de nunca ter se preocupado em definir ou impor um tipo de vida para si e para o filho, fez com que ele obtivesse a estabilidade familiar e financeira que Willy deseja.

Willy vê a sua relação com Charley como uma disputa constante, provocado pelo ideal do *Self-Made Man*. Ele internaliza a característica competitiva ávida e acredita que todos os homens à sua volta são adversários a serem derrotados, inclusive Charley. Willy constantemente diminui seu vizinho ao dizer que ele não busca ser querido ou másculo.

WILLY: Você viu o forro que eu pus no teto da sala?

CHARLEY: Vi, é uma beleza. Pra mim é um mistério. Como é que se põe um forro?
(...)

WILLY: Você está querendo pôr um forro?

CHARLEY: Como é que eu posso pôr um forro? (...)

WILLY: Um homem que não sabe trabalhar com uma ferramenta não é um homem.
Você é um chato. (MILLER, 1976, p. 57)

Willy, que sempre foi bom com trabalhos manuais, acredita que esses ofícios tornam o homem viril. Nisso, ele expõe também a polarização essencialista existente entre os homens, devido a heterossexualidade compulsória², que gera apenas um modelo de masculinidade. Porém, esses estereótipos masculinos (atlético, musculoso, popular, bruto, manual) não geram prosperidade, visto que essas ideias são ilusórias e limitadas (ARMENGOL, 2004, p. 38). Por isso, as ofensas de Willy contra seu vizinho são formas de esconder sua inveja e incredulidade pela realidade que Charley representa o desejo reprimido do que ele não é.

Felizmente, Charley não compartilha o mesmo estilo de vida e pensamentos que seu vizinho. Diferentemente do caixeiro-viajante, ele é um homem mais racional, generoso e humilde. De acordo com Bigsby (1970, p. XXIV), Charley representa o sucesso de alguém que trabalhou duro. Se concordarmos com essa ideia, poderíamos afirmar que Willy não se tornou bem-sucedido por não trabalhar de forma árdua. Entretanto, essa informação não parece justa, pois o leitor é apresentado a um personagem que se dedica fervorosamente ao trabalho.

Linda: Mas você está indo tão bem meu querido. (...)

Willy: Mas eu tenho que trabalhar dez, doze horas por dia. Outros homens...não sei...conseguem muito mais facilmente. Eu não sei porque...não consigo me controlar...eu falo demais. Um homem deve falar pouco, ir direto ao assunto. O Charley, por exemplo. É um homem de poucas palavras e todo mudo o respeita (MILLER, 1976, p. 45-46)

² “A heterossexualidade compulsória (BUTLER, 2015), termo que surge em 1980 pela poetisa, ensaísta e professora estadunidense Adrienne Rich, que consiste na exigência de que todos os sujeitos sejam heterossexuais e se enquadrem a uma heteronormatividade (...)”. Nesse contexto, o homem hétero “macho” estabelece a ordem social masculina na sociedade, determinando a feminilidade como frágil. (ROSOSTOLATO, 2018:4, apud BUTLER, 2015)

No exemplo acima, Willy consegue se definir a partir daquilo que ele não é. Ao olhar para seu vizinho Charley, Willy entende quem ele é, ao notar suas distintas características pessoais. Ele fala demais ao passo que seu vizinho Charley é preciso e vai direto ao assunto. Por mais que ele compreenda as demandas comportamentais de um empregador, ele mantém certos hábitos como ser falador, pois acredita nessa forma de sucesso. De acordo com Brenda Murphy (1999, p. 2-3), essa insistência em ser falador pode estar relacionada às referências trabalhistas de êxito de seu pai, representações simbólicas, no século anterior. Ademais, por ser tão competitivo, ele se acha superior a outros vendedores, mas também se compara com outros que vendem melhor, como Charley, o que o coloca em um lugar de confusão e contradições. Todavia, Willy quer tanto alcançar o *Sonho Americano*, que ele se define pelas normas da promessa e não reconhece o que realmente necessita (BIGSBY, 1970, p.XVIII).

CHARLEY: Willy, quando é que você vai perceber que essas coisas não significam nada? Você deu a ele o nome de Howard, mas você não pode vender isso. A única coisa que se tem neste mundo é aquilo que se pode vender. O mais engraçado é que você é um vendedor e não sabe disso.

WILLY: Acho que eu sempre quis pensar de outro modo. Sempre achei que, se um homem causasse boa impressão e fosse estimado, que nada...

CHARLEY: Por que é que as pessoas precisam gostar de você? Quem gostava de J.P. Morgan? Ele dava boa impressão? Numa sauna ele devia parecer um açougueiro. Mas, com os bolsos cheios, ele era muito querido (...) (MILLER, 1976, p. 137-138)

Charley desconstrói a ideia do prestígio social, ao tentar explicar, fracassadamente, que a boa impressão de Willy não lhe garante benefícios materiais e sociais. Para Linda Kintz (1995, p. 111, apud ARMENGOL, 2004, p. 38), Charley argumenta para o vizinho que o sucesso de empresários é comprado pela quantidade de dinheiro que possuem e não por serem simpáticos. Fernandes e Khalil (2011, p. 261) argumentam que “os discursos em *A Morte de um Caixeiro-Viajante* ‘se relacionam entre si como complementares, contraditórios, similares, contrários, etc., e, desse modo, fazem com que o sujeito se depare com diversas verdades e crenças coexistentes’”. Nesse momento, Willy começa a perceber a traição dos seus próprios valores, o levando a uma crise identitária e uma urgência de recompor sua “dignidade” masculina. Ainda nesse diálogo, ele propõe uma nova oferta de emprego benéfica para Willy, que o recusa novamente.

CHARLEY: Agora escute, Willy, eu sei que você não gosta de mim, e eu não estou apaixonado por você, não, mas eu lhe ofereço um emprego porque...porque sim, ora! O que você me diz?

WILLY: Eu...eu não posso trabalhar para você Charley. (...) Eu não posso trabalhar para você, só isso. Não me pergunte por quê. (MILLER, 1976, p. 138)

Por considerar seu vizinho seu amigo e não inimigo, como Willy pensa comumente, Charley sempre se empenha em ajudá-lo financeiramente e pessoalmente. No entanto, o pai de Biff, cego pelo orgulho próprio, despreza suas ofertas de emprego. Willy se mostra inflexível a outras opiniões. Por mais que a ajuda seja sincera e necessária, Willy a vê como uma afronta à sua dignidade e sua condição econômica. Essa atitude impede que Willy receba um auxílio do qual ele realmente precisa. Por isso, ao ser ofertado esse amparo, ele conjectura que, como homem, não é capaz de obter sucesso por conta própria, expondo seu estado de miséria.

Sua vida fracassada o leva a cometer suicídio, como forma de mostrar que ele venceu ao escolher seu destino ao invés de ser o perdedor e dependente de alguém. Todavia, ele não é capaz de lidar com o seu próprio fracasso e a morte torna-se uma solução para o não enfrentamento de uma dura realidade.

Mesmo não concordando com suas escolhas, Charley não julga Willy, o que mostra a sua empatia e nobreza.

CHARLEY (detendo o movimento e a resposta de Happy; a Biff): Que ninguém acuse este homem. Você não compreende. Willy era um caixeiro-viajante. E para um caixeiro-viajante, não há terra firme na vida. Ele não coloca uma rosca num parafuso. Não diz qual é a lei nem receita um remédio. É um homem solto no espaço, cavalgando num sorriso e num sapato brilhante. E se eles não devolvem o sorriso...é um terremoto. E quando surgem algumas manchas no chapéu, está liquidado. Que ninguém acuse este homem. Um caixeiro-viajante precisa sonhar, rapaz. Faz parte de sua vida. (MILLER, 1976, p. 203)

Charley reconhece as dificuldades de Willy, pois ser um caixeiro-viajante na cultura americana é vender a si próprio. A maioria dos americanos são seduzidos pelas promessas do *Sonho Americano*, sendo personificados em seu próprio trabalho (BIGSBY, 1970, p. XXV). Creio que essa identidade é propositalmente propagada por

um coletivo dominante, majoritariamente ocidental³, para que mantenham seu acúmulo de riquezas. Willy representa o trabalhador assíduo, que evita afiadamente “manchas no chapéu”, doenças, problemas ou dificuldades, pois estaria “liquidado”, nessa busca incansável pela identidade ideal americana. No entanto, de acordo com Silva (2014, p. 106), a identificação é um processo de articulação inconclusivo, que sempre terá um vazio. Consequentemente, a identidade do *Sonho Americano* nunca encontrará um ajuste completo, pois sempre produzirá uma falta ou sobredeterminação. Por isso, o plano de sucesso americano não é para todos os estadunidenses, mas para a imagem do país e do grupo dominante identitário.

Segundo Jean Gould (1968, p. 273), Willy fracassa como pai, vendedor e chefe de família por lutar por metas materiais, sociais e econômicas, que são, ironicamente, apenas uma miragem incansável. Sincronicamente, grandes corporações mecanizam e transformam trabalhadores em consumistas fervorosos. Assim, Willy nunca obteria prestígio econômico, muito menos felicidade ou satisfação, diante desse ciclo vicioso. Portanto, o suicídio de Willy retrata a miséria, a ruína e o fracasso de grande parte da população americana, principalmente a trabalhadora, sendo tratados como “uns bichinhos ensinados, sob as ordens dos chefes de picadeiro cujos produtos exibem”.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Arthur Miller acreditava que a missão do teatro era promover a conscientização das pessoas e suas possibilidades humanas (CALARCO, 2015). Logo, Miller sempre questionou as construções simbólicas do sucesso material da sociedade estadunidense, por não vê-las em prática. Em uma das reencenações de suas peças em 1990, Miller afirmou que enquanto o *Sonho Americano* é um pano de fundo para suas peças, o primeiro plano focava no pesadelo americano (MILLER, 2010, p. 197, apud, POPPELAARS, 2015, p. 98). Isso porque, o falso moralismo, a falta de cordialidade e a ganância geradas pelas falsas e sedutoras promessas afetam a dignidade humana do indivíduo, que são descartados em prol do acúmulo de riquezas de outros. Apenas um em cada cem americanos conseguiram modificar seus status econômicos e sociais. Diante disso, Miller condenava a estimulação para se obter sucesso a qualquer custo

³ “A” identidade do Western Man (Homem Ocidental) é caracterizada pelo o homem branco, europeu, capitalista, heterossexual, militar, cristão, patriárquico. (GROSFUGUEL, 2011, p. 30)

(GOULD, 1968, p. 269-270). A ideologia estadunidense contradiz seus próprios valores, pois as consequências do apego ao mundo material trazem deterioração ao ser humano.

A identidade americana propagada pelo *Sonho Americano* é formada por histórias de sucessos repetidas, que ignora os confrontos, angústias e fracassos daqueles que assim como Willy, são encaixados em uma identidade mecanizada, em busca de uma riqueza vazia e fantasiosa. Logo, as identidades de Willy, Linda, A Mulher e Charley são corrompidas pelas as exigências fantasiosas, competitivas, gananciosas e cumulativas da sociedade patriarcal e capitalista estadunidense.

Willy e a Mulher são exemplos de como a identidade fixa deteriora sua própria existência. Além de ser corrompido pelo ideal do *Sonho Americano*, Willy reforça a masculinidade tóxica. A falta de espaço para a vulnerabilidade masculina faz com que ele tenha sua saúde deteriorada aos poucos. Ele não aceita ajuda, muito menos se permite ter vínculos sociais sinceros. Ele se vê como detentor de poder e com autonomia para resolver seus negócios pessoais ou profissionais. Não há espaço para a fala do outro, pois o outro não poderá acrescentar nada novo à relação. Aceitar a palavra do outro seria um sinal de insulto e fracasso, pois não seria autossuficiente para notar sua realidade. Portanto, Willy é vulnerável, mostra fraquezas, e é também impotente. Ele não reproduz o complexo modelo identitário oriundo do sonho americano. Já a Mulher não é nem reconhecida por seu nome, mas por ser amante de Willy, sendo submissa aos seus caprichos. Sua breve, mas marcante, participação na peça demonstra o quanto mulheres tiveram suas identidades limitadas a serem apenas caracterizadas como a necessidade de um homem.

Linda é cúmplice e espectadora de um espetáculo desastroso e ególatra na sociedade patriarcal, sendo reduzida a tarefas domésticas e de suporte. No entanto, a personagem consegue manter certa fluidez identitária, o que nos permite conhecê-la além dos estereótipos femininos atribuídos a ela. A crise identitária vivenciada pela personagem feminina ao transitar entre o entre o racional/emotivo, o passivo/ativo (sutil, mas contínuo) salienta, conforme as palavras de Woodward (2014, p. 32), que as ambiguidades e fragmentações são necessárias diante das mudanças complexas das situações desesperadoras.

Charley, diferentemente das personagens acima, não incorporou a fórmula de sucesso do *Sonho Americano*, entretanto ele foi capaz de obter sucesso na sociedade

capitalista. Ele sempre foi solidário e não considerava Willy como um inimigo. Mesmo tendo consciência das ambições desmedidas de seu vizinho, Charley reconhecia seus esforços, pois era apenas uma pessoa que desejava ter uma vida melhor. Assim sendo, o vizinho é um personagem relevante ao mostrar a heterogeneidade no interior do grupo dos homens. As representações identitárias distintas ratificam os caminhos perseguidos pelos personagens masculinos na concretização do *Sonho Americano*.

Diante do objetivo apresentado neste trabalho, é notável como o *American Dream* nunca é, propositalmente, alcançado. A homogeneização identitária dos personagens sob análise é uma constante e contribui para a tensão nas relações apresentadas e a desconsideração das diferenças. As dicotomias de gênero são arquitetadas e enraizadas pela sociedade, que constrói o que deve ser representado ou valorizado. Mas é válido lembrar, como afirma Hall (2014, p. 108), que as identidades não são fixas, mas contraditórias e irregulares. Elas se cruzam ou se opõem e são construídas ao longo da história por discursos, posições e práticas sociais.

Referências

ARAÚJO, Alyne F. de; LOPES, Francisco E. de F.; DIAS, Daise Lilian Fonseca. Death of a Salesman: elementos da tragédia clássica no drama moderno de Arthur Miller. **Revista Letras Raras**, Paraíba, vol. 3, n.1, p. 144-154, 2014. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/234>

ARMENGOL, Josep M. "Attention, attention must be finally paid to such a person: A men's studies rereading of Arthur Miller's "Death of a salesman". **Revista de Estudios Norteamericanos**, Barcelona, n.10, p. 21-46, 2004.

BOAL, Augusto. 10 ANOS DE FALECIMENTO DE AUGUSTO BOAL. **Augusto Boal**, Rio de Janeiro, 2 maio 2019. Disponível em: <http://augustoboal.com.br/2019/05/02/10-anos-de-falecimento-de-augusto-boal/>. Acesso em: 4 mar. 2022.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. "**American frontier**". Encyclopedia Britannica, 30 Oct. 2020, <https://www.britannica.com/topic/American-frontier>. Acesso 16 out. 2021.

CARRERA, J. M. A. Rereading American Masculinities: Re-Visions of the American Myth of Self-made Manhood in Richard Ford's Fiction. **Revista de Estudios Norteamericanos**, [S. l.], n. 11, 2018. Disponível em: https://revistascientificas.us.es/index.php/ESTUDIOS_NORTEAMERICANOS/article/view/4748.

CRÈVECŒUR, Hector St. Jean de. **Letters from an American Farmer**. New York, p. 49-56, 1904. Disponível em: <https://www.americanyawp.com/reader/a-new-nation/hector-st-jean-de-crevecoeur-describes-the-american-people-1782/>

GLEITMAN, Claire. **Saint-Mamas, Strudel, and the Single Man in Arthur Miller's *Death of a Salesman***. The Arthur Miller Journal, Pennsylvania, v.10, n.1, p. 3-17, 2015. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.5325/arthmillj.10.1.0003>

GROSGUÉL, R. (2011). Decolonizing Post-Colonial Studies and Paradigms of Political-Economy: Transmodernity, Decolonial Thinking, and Global Coloniality. **TRANSMODERNITY: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World**, Berkeley, 2011.

WILLIAMS, Kenneth. Notes from the Undergrad: Reviving Linda Loman in “Death of a Salesman”. **Ransom Center Magazine**, Austin, 30 mar. 2015. Disponível: <https://sites.utexas.edu/ransomcentermagazine/2015/03/30/reviving-linda-loman/>. Acesso: 1 jul. 2021.

IZALBERTI, Bianca P. A. RAISIN IN THE SUN, DE LORRAINE HANSBERRY: NATURALISMO NO DRAMA NORTE-AMERICANO. **REVISTA VERSALETE**. Curitiba, v.8, n.14, p. 150-169, 2020. Disponível em: <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol8-14/8-IZALBERTI.-BiancaPaixa%CC%83o.-A-raisin-in.-PRONTO.pdf>

KAMALAKKANNAN, Karthik; MANASON, T. “Masculinity and Femininity : A Theoretical Analysis and Its Approach to Translation of Arthur Miller’s Death of a Salesman”. **IOSR Journal Of Humanities And Social Science (IOSR-JHSS)**, Índia, p. 43-46, 2017. Disponível em: <https://www.iosrjournals.org/iosr-jhss/papers/Conf.TS/Volume-1/16.%2043-46.pdf>

MILLER, Arthur. **A Morte do Caixeiro Viajante**. 1.ed. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1976.

MURPHY, Brenda. "Personality Wins the Day": "Death of a Salesman" and Popular Sales Advice Literature. **South Atlantic Review**, v. 64, n. 1, p. 1-10, 1999. Disponível em: <https://ur.booksc.org/book/37381521/b507a2>

POPPELAARS, Antonius G. M. **O drama social, o herói trágico e o "sonho americano" em a morte de um caixeiro-viajante de Arthur Miller**. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8289>

PRUITT, Sarah. The Post World War II Boom: How America Got Into Gear. **History**, [s. l.], 14 maio 2020. Disponível em: <https://www.history.com/news/post-world-war-ii-boom-economy>. Acesso em: 5 abr. 2022.

PURCELL, Carey. All His Daughters: Arthur Miller's Strong, Truth-Telling Women. **American Theatre: A Publication of Theatre Communications Group**, USA, 16 maio, 2016. Disponível em: <https://www.americantheatre.org/2016/03/16/all-his-daughters-arthur-millers-strong-truth-telling-women/>. Acesso em: 8 dez. 2022.

SYBA, Michelle. A Brief Guide to Writing the English Paper. **Writing Center Brief Guide Series**. Harvard College, p. 1-6, 2008. Disponível em: https://hwpi.harvard.edu/files/hwp/files/bg_writing_english.pdf

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais**. 15.ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2014.